

9. Ao ver o filho ao longe, que não sabia qual seria a reação, o Pai sai, alegre e efusivo ao seu encontro.

O Pai misericordioso, que estava todas as tardes, à espera do filho que: vê ao longe (eiden); vibra (termo materno entranhas –esplanchniste); corre (dramôn); abandonado, abandona-se nos braços do filho (epèpesen); beija – enche de beijos o filho (katfilesen)!

Eis destas **cinco pinceladas** imortais emerge a figura de um Deus surpreendente: santo e misericordioso!

Perante o regresso do filho, o pai explode de alegria! **O seu abraço é absolvição!** É ressurreição, pois o filho estava morto e voltou á vida! É encontro de comunhão, pois o filho estava perdido e reencontrou-se! E o filho tem **o meu nome!**

O Sacramento da Confissão, do Perdão e da Reconciliação é de facto uma verdadeira transfusão de vida nova!

Deus é “beijo”, “beijo é delícia”, “transfusão de vida”. Beijados e abraçados por Deus somos renovados pelo amor.

Celebrar bem o Sacramento do Perdão ou Reconciliação ou Confissão é, de facto, fazer a experiência das mãos calorosas do amor paterno, materno e amigo de Deus.

10.O Pai-Nosso é a mais bela Oração. É como que a «chave» que Jesus nos deu, para entrar na casa ou no coração deste Pai e conversar com Ele.

Rezar o Pai Nosso (braços levantados e mãos dadas: filhos amados e irmãos)

DEUS, MEU PAI...

A palavra que me corrige sai da boca de quem me ama; como das mãos do médico e das suas receitas, sai a vontade de curar...

Nada pode fazer, porém, se lhe escondo as minhas feridas e as minhas dores...

Não posso nem quero esconder-me de Ti, Deus meu Pai...

Deus, meu Pai, o que sabes de mim é verdade — pois me conheces profundamente.

Reconheço, diante de ti, as minhas faltas e sei que queres dar-me o Teu perdão.

Aceito-o e agradeço.

E sei que os teus olhos riem, como os do pai que viu regressar o filho que tinha saído de casa....

E que os Teus braços abraçam, com uma ternura que junta os nossos corações...

E que fazes festa, acreditando que Te quero dar com a verdade com que me amas!....

E, por isso, me dás um futuro novo para eu viver.

Deus, meu Pai, ensina-me a amar-Te!...

(Con. João Aguiar)



Encontro 3
03.04.2020

Deus, Aquele que perdoa

Olá, queridos amigos e amigas!

Saúdo-vos com muita alegria e amizade, bem como aos vossos pais, avós e a todos os familiares. Espero que todos estejam bem de saúde!

1.Pergunta/Tema:

Deus, Aquele que perdoa

1.Introdução ao texto bíblico

1.Todos gostamos de falar do nosso Pai. Todos gostamos que alguém nos diga: «és a cara do teu Pai». Jesus gostava imenso de falar do Pai. Conhecia muito bem o seu coração. Tudo o que Jesus fazia era da vontade do Pai. Tudo o que era do Pai era também dele. Quem O via, via o Pai.

2.Muitos estranhavam assim o comportamento tão amoroso de Jesus. Ele amava os mais fracos, os mais pequenos. Ele vivia e convivia com os pecadores. Ele fazia uma grande festa, por alguém que mudava de vida. Então Jesus conta-lhes mais uma história ou parábola. Uma parábola, é uma história em jeito de comparação. **Ouve-se e parece que se está a ver!**

3.No centro desta história está o Pai: um pai único! Ele é Pai e nenhum pai deste mundo é tão Pai, tão amoroso, tão humilde, tão paciente, tão generoso, tão carinhoso como Ele.

4.É um Pai que não se cansa de nos amar. Um Pai que se alegra sempre que voltamos para Ele. Um Pai que gosta de festa, de alegria. Uma alegria, que é maior, depois da dor, que sentiu ao ver o filho mais novo sair e ao ver o mais velho não querer entrar. Ele faz uma Festa, porque a sua alegria é ter os filhos em casa e no seu coração. Ele fica muito feliz, quando nós descobrimos que há na nossa vida um Pai que nos ama primeiro, sem nunca se cansar, nem desistir de nos amar.

5. Testemunho que faz recordar a canção “Acredita” que apareceu no início e vai, de novo, aparecer no final: *Nas imediações da estação central de uma grande cidade ... multidão de arrumadores, carteiristas, drogados, sem abrigo ... Pessoas infelizes, mal vestidas, barba por fazer ... Chamava a atenção um jovem! Cabelo grande e sujo, por ali andava ... De vez em quando tirava do bolso um papel amarrotado e velho e lia-o. Depois, dobrava-o e colocava-o novamente no bolso. A leitura do papel mudava o seu rosto. Parecia reconfortado. O que dizia esta pequena folha de papel? Seis palavras: “A porta pequena está sempre aberta”.*

Era uma mensagem que o pai lhe tinha enviado. Significava que estava perdoado e podia regressar quando quisesse. E uma noite, foi o que fez! Encontrou a porta aberta do jardim, subiu e meteu-se na sua cama. Pela manhã viu o pai junto a si. Em silêncio abraçaram-se.

2. Leitura da Parábola: Lc 15, 11-32

3. Silêncio (com música suave e imagem de Rembrandt)

4. Meditação

Esta história de Jesus, do famoso capítulo 15 do Evangelho de S. Lucas, aparece na sequência de duas parábolas (poderíamos chamar de gémeas) em que o tema é o mesmo: alguém se alegra porque tinha perdido qualquer coisa e reencontrou-a. Convém chamar a atenção que a tónica está colocada na **alegria** gerada por qualquer "coisa" que se perdeu e reencontrou!

1. “Um homem tinha dois filhos...”. Filhos tão parecidos um com o outro e tão diferentes do Pai. De facto, neste caso, não podemos dizer tal pai tal filho, ou tal pai tais filhos. Filhos que saem ao pai. Trata-se, realmente, **da parábola do Pai misericordioso e profundamente solidário e dos dois filhos egoístas e profundamente solitários**.

2. Dois irmãos, portanto, muito parecidos entre si e nada parecidos com o Pai! Em que é que os dois se parecem afinal? Um e outro **não conhecem o Pai**. Um e outro estão fechados, enroscados, em si mesmos, são **profundamente egocêntricos**. Um e outro são **imaturos**.

3. O mais novo vê o Pai como um entrave à sua autonomia e liberdade, pede-lhe a herança, como se o pai já estivesse morto. Foge para longe da casa do Pai. E quando decide regressar – abençoadas bolotas – quer apenas ser tratado como um trabalhador, a quem o patrão paga o salário devido; não espera receber de graça o amor do Pai.

4. O outro, o mais velho, vê o Pai como um patrão, de quem espera apenas a recompensa pelo serviço, pelo desempenho e pela obediência. **Custa aos dois aceitar a condição de filhos amados e deixar-se converter pelo amor do Pai. Um e outros têm dificuldade em olhar-se e reconhecer-se como irmãos.** O mais novo, longe de casa nem sequer fala do irmão, o mais velho recusa entrar na festa e usa a expressão dura: “esse teu filho”, não pronunciando a palavra irmão!

É preciso estarmos muito atentos para não “fabricarmos” ou “forjarmos” nós uma imagem de Deus-Pai, em vez de nos deixarmos surpreender pelo rosto amoroso do Pai que Jesus nos mostra com gestos e palavras - ...” *Quem me vê, vê o Pai*”- e sobretudo com a sua entrega até ao fim, até à Cruz: *“Pai nas Tuas mãos entrego o meu espírito!”*.

5. Diante dos nossos olhos estampa-se a imagem do Pai misericordioso, que não impede a fuga rebelde, espera ansioso o regresso, acolhe sem recriminar, perdoa generosamente, dá a possibilidade de recomeçar. **Se Jesus não no-lo tivesse dito, quem teria imaginado que Deus é assim?** Porquê, à imagem do homem, pintámos Deus irado e vingativo e não no abraço regenerador, no beijo da paz?

7. Os gestos do pai traduzem um amor paterno, materno e de amigo (“cobriu-o de beijos”/ os amigos mais íntimos, à época, cumprimentavam-se assim). O filho mais novo tinha planeado pedir perdão a Deus e ao pai (v. 13: “Pequei contra o Céu e contra ti”) e queria que o pai o admitisse como um dos seus jornaleiros (v. 14), mas, perante a reação do pai, percebeu que continuava a ser filho e, por isso, já não formula o pedido “trata-me como um dos teus jornaleiros”.

A reabilitação ou renascimento do filho é dita com termos muito fortes que merecem ser destacados: a melhor túnica e o vitelo gordo, reservados para os amigos mais importantes e os hóspedes mais relevantes; o anel como sinal de uma aliança de amor agora refeita; e as sandálias para os pés como sinal de uma dignidade recuperada.

Há que destacar o refrão: “este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado” (v. 24), retomado no v. 32, com uma expressão idêntica: “este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado”.

8. Deus fica triste com os nossos pecados, porque o pecado destrói-nos, desumaniza-nos e faz com que mergulhemos na tristeza e a lancemos à nossa volta. O nosso pecado provoca vítimas à nossa volta.

Por muito perdidos que nos encontremos, por muito fracassados que nos sintamos, por muito culpados que nos consideremos, há sempre saída, é sempre possível recomeçar. Está sempre aberta a porta do coração de Deus! O perdão não faz que o tempo volte atrás nem apaga atos e palavras. No entanto, tem a força de nos fazer renascer, de nos ressuscitar para uma vida nova.